

CONTINUA EM ESPÍRITO NA MEMÓRIA E NO CORAÇÃO DOS QUE TIVERAM A DITA DE DESFRUTAR A SUA AMIZADE

Luís Pedro Moitinho de Almeida

Conheci o Dr. Fernando de Abranches Ferrão em 1931 ou 1932, andava eu no 2.º ano da Faculdade de Direito de Lisboa. Ele havia-se formado poucos anos antes na mesma Faculdade. O nosso encontro teve lugar, com outros amigos que não recordo quem, a uma mesa do Café Martinho, que ao tempo existia no Largo D. João da Câmara e que ambos frequentávamos. Como, ao tempo, éramos ambos ex-libristas, trocámos os nossos ex-libris. Mais tarde, havia eu de oferecer a minha colecção à Academia Portuguesa de Ex-Libris, na pessoa do seu então Presidente, o Dr. Carlos Lobo de Oliveira.

Por essa altura, projectava eu, ao abrigo de um crédito aberto por meu avô paterno, publicar uma revista literária que, por sugestão de Fernando Pessoa, se havia de chamar "Átrio". Troquei impressões sobre o assunto com Abranches Ferrão, que me deu vários conselhos, para o que tive de me

deslocar mais de uma vez a sua casa, que então era na Avenida Conde Valbom. O “Átrio”, porém, nunca chegou a sair porque entretanto utilizei o crédito aberto, para o efeito, por meu avô, na publicação de um livro de poemas que Fernando Pessoa prefaciou: “Acrónios”.

As minhas relações com Abranches Ferrão continuaram porém. Os nossos escritórios de advogados, na Baixa, eram próximos e encontrávamo-nos frequentemente à mesa dos restaurantes da área, onde caturrávamos.

Abranches Ferrão, que havia fundado uma revista de Direito, o Jornal do Foro, de que era director, convidou-me, a certa altura, para colaborador da sua revista. Data de então o aprofundamento da nossa amizade. Colaborei também com ele nalguns processos.

O Jornal do Foro conquanto revista de Direito, dispunha de uma Secção a que o seu director dava especial apreço, denominada Jornal. Ali se coligiam as notícias que os jornais, portugueses e estrangeiros, publicavam sobre violação dos direitos humanos, tais como violências policiais e “apartheid”.

Vistas à luz da mentalidade democrática de hoje, tais notícias não diferiam das que os jornais habitualmente publicam. Mas, vistas à luz da época, em que a imprensa

portuguesa estava sujeita a censura, eram uma nota gritante de protesto e denotavam muita coragem. Abranches Ferrão era, de resto, um irrequieto antifascista, o que o chegou a levar à prisão da PIDE.

No Jornal do Foro cheguei a privar com os Drs. Mário Soares, hoje Presidente da República, Francisco Salgado Zenha, Luís Francisco Rebello, José de Vasconcelos Abreu, Ângelo de Almeida Ribeiro, José Robin de Andrade, Sérvulo Correia, Humberto Lopes, Fernando Augusto da Cunha e Sá, José Carlos de Vasconcelos, Carlos Bello de Moraes e outros, que chegaram a fazer parte do Conselho de Redacção.

Quando enviuei do meu primeiro casamento e estava na altura da vida em que se faz sentir a influência do demónio do Meio Dia foi Abranches Ferrão quem me aturou a crise. Não posso esquecer o auxílio moral que então me deu.

Conquanto, por um lado, irreverente e rebarbativo, Abranches Ferrão tinha, por outro lado, a compensar essa maneira de ser, um grande coração, distinguindo os amigos com invulgar delicadeza.

Nunca tratava um colega, quer no discurso directo quer no discurso indirecto que não fosse por “Doutor”.

Tinha na agenda a data dos aniversários dos amigos para lhes mandar os parabéns. E nunca falhava.

Pelo Ano Novo (e não pelo Natal porque, não sendo crente, a efeméride nada lhe dizia) mandava sempre aos seus amigos uma Mensagem.

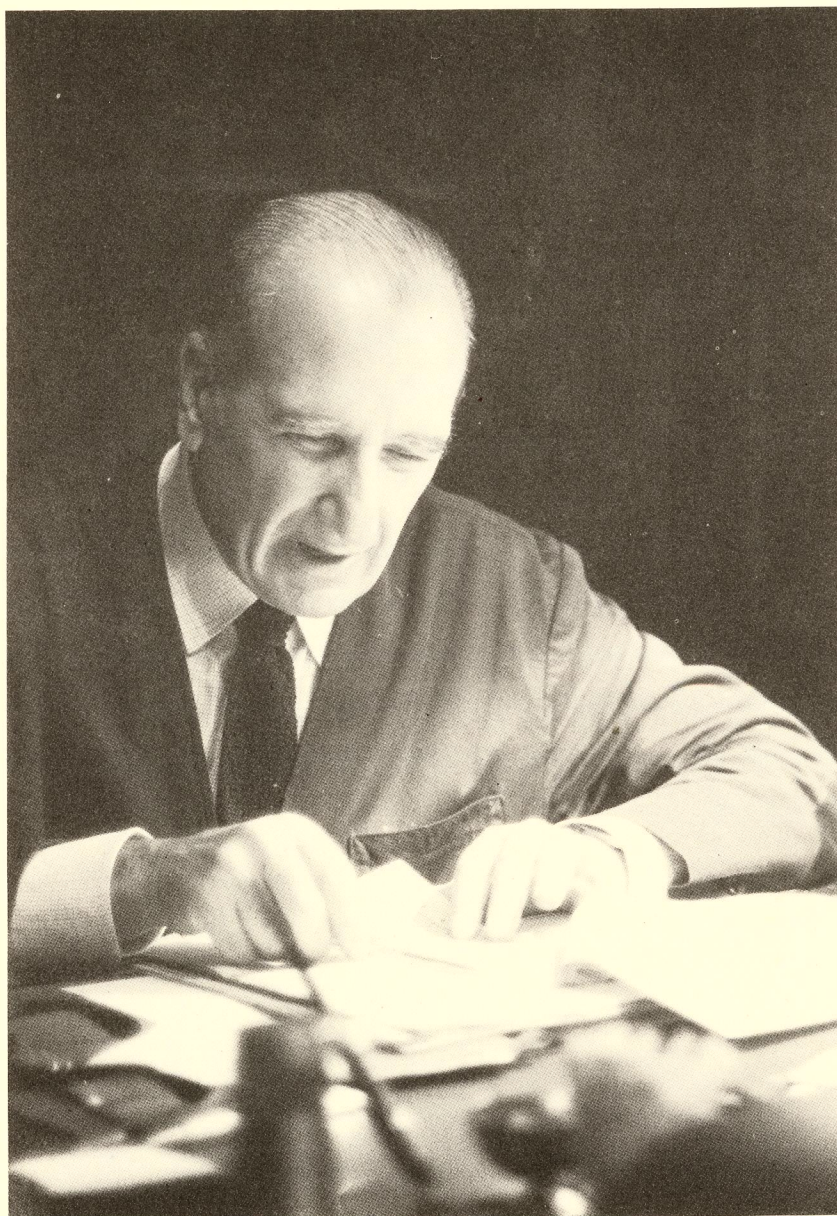
A Mensagem de 1962 consistia neste belo poema que revela o carácter rectilíneo do seu autor, feito nas Cadeias do Aljube e do Forte de Caxias (com data de 8 Agosto/3 de Novembro de 1961):

*Tirem a um homem suas vestes
– e ele fica nu;
um homem nu.
Que sofra sede e fome e dor
– e ele fica nu,
um homem nu com sede e fome e dor.
Que o seu passado lhe retirem,
a memória do que foi
– e ele fica nu,
um homem nu com sede e fome e dor,
incerto e ansioso.
E quando em sua volta as chamas ardam,
cordas o amarrem,
espadas o sangrem,
nu, com sede e fome e dor,
incerto e ansioso,
o homem É,
enquanto olhar em frente
e em frente for o seu caminho.*

No fim da vida, mantendo embora, até ao fim, o seu espírito brilhante, Abranches Ferrão deslocava-se com uma bengala, por a diabetes lhe ter atacado um pé. Depois amputaram-lhe um pé. Mas em casa, aonde o visitei algumas vezes, ainda, não obstante, corajosamente fazia trabalhos para o escritório e tomava interesse na discussão dos assuntos que eram abordados.

Depois nova amputação, desta vez na perna e a morte sobreveio, não da doença em si mas devido a um ataque cardíaco.

Baixou depois à terra o corpo de Abranches Ferrão. Foi o seu fim material. Mas Abranches Ferrão continua em espírito, no coração e na memória dos que tiveram a dita de desfrutar da sua amizade. Porque, parafraseando o belo poema da mensagem de 1962, Fernando de Abranches Ferrão, É.



No escritório com o velho casaco que gostava de vestir para trabalhar